

POR UMA PEDAGOGIA SEM IMAGEM: PLATÔS³⁸ DE EXPERIMENTAÇÕES EM UMA SALA DE AULA

FOR PEDAGOGY WITHOUT IMAGE: EXPERIMENTAL PLATONS IN A CLASSROOM

Maria dos Remédios de Brito³⁹
Dhemersson Warly Santos Costa⁴⁰

RESUMO

Problematizar os investimentos dogmáticos que enredam a educação e suas práticas têm sido um desafio para alguns professores. O que se poderia retirar de experimentações em sala de aula que coloca a produção de imagem e de escrita como motor de uma poética formativa? Em que medida a construção imagética passa pelo corpo e suscita novos processos de subjetivação que não passe pelos fundamentos? Foram traçadas algumas zonas maquínicas a partir de exercícios em uma sala de aula de um curso de formação de professores. A pesquisa será constituída por platôs de criação que atravessam o campo da estética e do poético no fazer-pensar pedagógico, através da maquinação de diferentes linguagens que dão passagem para os fluxos criativos e inventivos, arrastando vidas para pensar blocos de ensinar e aprender.

Palavras-chave: Imagem. Escrita. Educação. Experimentação.

ABSTRACT

Problematizing the dogmatic investments that entangle education and its practices has been a challenge for some teachers. What could be drawn from classroom experiments that place the production of image and writing as the engine of a formative poetics? To what extent does the imagetic construction pass through the body and give rise to new processes of subjectivation that do not go through the fundamentals? Some machinic zones were traced from exercises in a classroom of a teacher training course. The research will consist of creation plateaus that cross the field of aesthetics and poetics in pedagogical thinking, through the machination of different languages that give way to creative and inventive flows, dragging lives to think blocks of teaching and learning.

Keywords: Image. Writing. Education. Experimentation.

³⁸O ensaio será maquinado a partir da ideia de Platôs. Um platô é um meio pelo qual se passa, é uma zona aberta em que se pode entrar, sair, permanecer, ir adiante, fazer linhas, desfazer tessituras.

³⁹Doutorado em Educação (Conceito CAPES 5) pela Universidade Metodista de Piracicaba, Brasil(2005). Professora Associada da Universidade Federal do Pará, Brasil. E-mail: mrbrito@hotmail.com; <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4700432J5>; <http://orcid.org/0000-0002-0478-5285>

⁴⁰ Possui Mestrado em Educação em Ciências e Matemáticas pela Universidade Federal do Pará (2019). Graduado em licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Pará (2016) campus de Altamira-PA. E-mail: dhemerson-santos@hotmail.com; <http://orcid.org/0000-0002-1412-9142>.

Platô I

O território existencial atual está imerso aos diferentes tipos de imagem. O corpo vivente anda plugado em precárias ondas fluídas diante das mensagens de toda ordem na publicidade, na informática, na pedagogia, assim como não se habita um único lugar, diante da rapidez em que tudo se move; as perspectivas estão em saltos, ao mesmo tempo em que os nossos sentidos, nossas percepções sensoriais e cognitivas estão chapadas em um mundo caótico; o vivente humano parece reduzido ao egocentrismo imagético, tecnológico; uma espécie de telecomando universal nos coloca em alerta diante de um onipresente ordenamento generalizado.

A subjetividade, ao mesmo tempo desterritorializada⁴¹ (DELEUZE; GUATTARI, 2012) pode parecer paralisada, comandada pelos códigos imagéticos de todas as formas, configurando um infantilismo vertiginoso diante de uma cultura da banalidade e do ridículo, sem mediação, no qual o sujeito fica disparatado, porém, vale dizer que não serve agora discutir onde encontrar o sujeito, a subjetividade intacta, reclamar uma suposta identidade perdida, uma presença de si, uma reaproximação diante do caos exposto. Assim, não há como negar que estamos na era das imagens, cada vez mais as velocidades das trocas de informações e das linguagens imagéticas inunda a vida cotidiana.

Chegamos ao ponto em que a imagem se tornou uma espécie de escrita que carrega consigo o poder de produzir a lei, uma forma de vida, modos de ser e de ver. A imagem impõe uma pedagogia ou mesmo aquilo que se pode chamar de processos de subjetividade por meio de uma maquinaria do desejo que engloba a memória, o corpo, o sentir, o fazer, o pensar, o dizer, o comunicar, assim como o que ensinar e o que aprender, sendo possível afirmar que uma pedagogia da imagem é formada por entre

⁴¹O conceito de desterritorialização é mobilizado por Deleuze e Guattari em diferentes obras: O Anti-Édipo (2010), O que é a filosofia (2010) e Mil Platôs (2012). Neste último, os autores buscam inspiração no modo de vida nômade, em especial, nos seus movimentos agenciados no território: reterritorialização e desterritorialização. Esta, por sua vez, trata do abandono do território, o movimento contínuo para não se deixar aprisionar pelas forças do Aparelho de Estado. Assim, quando falamos em “subjetividade desterritorializada” falamos em modos de vida que recusam a fixidez dos corpos, as identidades pré-estabelecidas. A subjetividade, por essas linhas, é movimento, plasticidade, uma trama maquinica ligada aos processos de singularização.

batalhas de potências paradoxais de libertação e/ou de submissão, de reflexão crítica e/ou de adestramento.

Dessa forma, estamos diante de um campo problemático - uma pedagogia da imagem se instaura na educação, que muitas vezes vem atrelada ao pensamento dogmático⁴² (DELEUZE, 2006), sem crítica e sem criação; contudo, existem fissuras, pois diante das plataformas abertas das redes de comunicação que se tornam um meio de proliferação de difusão das imagens, tem-se cada vez mais a abertura e/ou fechamento do sujeito, que o obriga a se fazer presente, caso não queira ser levado pela passividade, e isso nos leva a perguntar: Que sujeito é esse que se forma entre as imagens e com as imagens distribuídas nas salas de aula? Que processos de subjetividade são possíveis por entre as imagens quando usadas como meios didáticos pedagógicos? Como criar novas práticas para pensar e fazer a educação por outras imagens fora do pensamento dogmático? Como manter, em certa medida, distância para que a imagem não engula o sujeito em uma passividade?

Creemos que isso só pode ser feito quando se toma certa posição como sujeito. Tomar posição é se manter, de alguma forma, em alerta, afrontar alguma coisa. É manter, de algum modo, um afastamento, aquilo que se poderia chamar o fora do alcance, o que se recusa a paralisia. Ora, como se manter assim quando se foi formado pela imagem dogmática, aquela que priva o sujeito de pensar, de promover a crítica? Se colocar em posição nos obriga dizer que a imagem carrega um paradoxo, esse que pode ser o campo de abertura para a constituição de outros modos de ver, de ensinar, de pensar, de criar. Pois, diante desse mar fluído e dinâmico, admitir a emergência de perigos é também encontrar novas potências de vida, de formação e de educação, redesenhando novas atmosferas inventivas em que o sujeito já não é o centro, mas, antes, processos de individuações, uma subjetividade inacabada, descentrada, plástica, em construção.

⁴²Na obra *Diferença e Repetição* (2006) Deleuze denuncia uma imagem dogmática do pensamento, fundamentada na filosofia da tradição, que não cessa de subjugar o diferente ao identitário. Tal imagem atravessa outros campos do conhecimento, produzem formas, composições e modelos. Impõe uma verdade, um caminho reto e seguro, limitando toda potência criativa de experimentação da vida.

Sendo assim, o sujeito também poderia ser entendido como aquele reservatório de remoção, com carga indeterminada, com um ilimitado inumano e humano em processo, que se faz em relação íntima com o fora, com a exterioridade do mundo, com uma pré-impessoalidade diferencial. Aquilo que Deleuze (2007), tardiamente, chama de dobra e dobra do fora, um campo em que as forças das multiplicidades são atravessadas em uma velocidade infinita. Velocidades de imagens, de sons, de informação, de comunicação, de escrita, de palavras, de linguagens, de educação, de formação e de signos. A subjetividade dobra e redobra, faz ondulações com todas as forças do fora e cria a si mesmo e retorna para o fora (dobra e redobra) em seus movimentos.

Deleuze, no seu livro sobre Foucault (2005), afirma que este, retorna aos gregos para dizer que eles vergam uma dobra pelas forças que aqueles impunham para a criação de si mesmo por meio da alimentação, dos exercícios espirituais, das suas relações com a cidade, com os prazeres, uma dura fomentação de uma prática de si em que o fora se convertia em dobra da dobra.

As dobras da contemporaneidade não são as dos gregos, mas cabe a cada um de nós criarmos e produzirmos as nossas em meio às vertiginosas forças imagéticas que nos atravessam, que nos aceleram e desaceleram, que nos impõe cláusulas, mas, também, podem abrir novos processos de experimentações vitais. Então, as imagens formam blocos dispersos de n' informações, sendo possível dizer que elas também formam blocos de palavras, blocos de gramáticas, blocos de poder, blocos de ver. Atentar que o excesso de imagem ofusca o pensamento e o impede de agir criticamente, atentar que o excesso de imagem, também, pode paralisar o corpo, formar blocos identitários e reacionários.

Com isso, seria possível afirmar que a imagem tem poder, sendo que paradoxalmente ela gera também potências de resistências. Resistir é de algum modo impor a força política e filosófica de não se fazer jus à doxa, é ter força para promover a arquitetura de outras formas de vidas diante do excesso sempre perigoso de poderes nefastos, dos desejos obscuros; resistir é também ser implicado com alguma coisa, é afastar-se do centro, da opinião de todos; resistir é atentar para o contato com os outros

corpos, não se sabe nada caminhando pelos céus, olhando para as estrelas... Resistir é movimentar, é assumir certas escolhas e posições. Por isso, o excesso de imagem sem pensamento pode paralisar os órgãos, mas ela não deixa de dizer o fora de campo, o que parece latejar no meio, nas fissuras e nos movimentos.

Com isso, vale dizer que nas práticas educativas, quase sempre, as imagens são usadas como representação, carrega o repetir, o universalizar, o informar, o formar, o identificar, o resignificar, o memorizar, o lembrar, o recontar, o paralisar o movimento, a imagem se formaliza em recursos didáticos para reforçar a inteligência, o que já foi visto, dito e feito por meio dos usos de diferentes recursos artísticos, como vídeo, escrita, pinturas, fotografias, cinema, etc. Esses recursos usados na pedagogia, muitas vezes, são postos como imagem cognitiva, pois não dão ao pensamento nenhuma possibilidade de pensar, mas antes representar.

A imagem e/ou as imagens de fundo artístico (cinema, pintura, vídeo-arte, escrita, literatura...) são saturadas como repetição do mesmo, conformando, informando, induzindo ao não pensado. A imagem gesta em si a lei, a palavra de ordem, o retrato do semelhante e do igual. Planifica-se a imagem, toma-se a imagem como colagem, postagem que possa induzir à conformidade e à obediência. A imagem é, então, um recurso pedagógico didático, ajustada aos processos identitários do pensamento, fazendo com que as práticas educativas sejam produtoras de uma maquinaria subjetiva de sujeitos docilizados.

As imagens, quase sempre, na pedagogia, vêm como tutora, caminho de análise e interpretação do dito, o sentido em torno do qual o caos deve ser organizado, conformado, relação significante-significado. Com isso, é possível dizer que interpretar é estruturar no significante, é aprisionar o rizoma, colocá-lo diante de uma imagem arborescente, decalcar a cartografia da criação e do pensamento. Os diversos recursos imagéticos, ao invés de liberar as forças criativas, gestando diferentes processos estéticos, artísticos, poéticos para a formação, para a educação, aprisionam o corpo humano por sofisticados laços de imagens diante da crueldade do mesmo.

Assim, importa para esse ensaio levantar questões problemáticas: Que exercícios poéticos e estéticos se poderiam fomentar na formação inicial de

professores/educação pelo uso das imagens? Como criar um fundo de forças moleculares, imagéticas que sejam capazes de liberar a forma homem da infâmia do mesmo e promover multiplicidades na educação e na formação inicial de professores? Como liberar a imagem na pedagogia a partir de diversas expressões, tais como fotografia, micro-ensaios e escrituras, das promessas dogmáticas do pensamento e forjar um pensamento sem imagem por meio das forças desconhecidas que nos habitam para criar e experimentar novos exercícios de expressão para a educação e para a formação de educadores? Que efeitos teriam esses processos estéticos e poéticos por meios das imagens para subjetividade dos professores em formação inicial?

Vivemos em um sistema capitalista que tende a igualar todos os gestos em formas gerais, que busca um corpo plástico, desmobilizado, entretanto, seria possível usar desse mesmo corpo para promover dobras e resistências, cavando linhas de fuga, por meio de diferentes usos imagéticos e poéticos na educação, promovendo outras opacidades, novas zonas, novos desejos, novos prazeres maquínicos em que o pensamento sem imagem estivesse presente como crítica e como resistência a todo tipo de totalitarismo. Assim, deseja-se percorrer um caminho para além das pedagogias das imagens dogmáticas, produzindo uma experimentação e/ou protocolos para a formação em que se passaria muito mais pela cartografia (DELEUZE, 2011)⁴³ do que pelo decalcar, criar outras imagens na educação que passasse pelo campo da diferença e não do mesmo.

O ensaio passa pelo entusiasmo de pensar exercícios poéticos e estéticos de experimentação na formação inicial de professores/educação pelo uso das diferentes imagens artísticas (fotografia, escrita, colagem). Criar um fundo de forças moleculares, imagéticas, capazes de liberar a forma homem da infâmia do mesmo e promover multiplicidades por meio de uma produção criativa que atravesse a arte e a educação. Liberar a imagem na pedagogia em suas diversas expressões e que passe para além das

⁴³A cartografia, aqui, não é entendida como método, mas um plano de composição, pois há um trabalho pelas aberturas, pelos meios, pelas zonas, pelos movimentos, pelas linhas de desejos e de conexões. Não há *roteiro, a priori*, não há um *como fazer*, antes entrar em zonas de singularizações e heterogeneidades.

promessas dogmáticas do pensamento e forjar um pensamento sem imagem por meio das forças desconhecidas que nos habitam para criar e experimentar novos exercícios de expressão para a educação. Cartografar processos estéticos e poéticos que atravessem a subjetividade dos professores em formação inicial. É esta a demanda desta digressão.

Na esteira de Deleuze (2006), que procura uma imagem para o pensamento que seja crítico, paradoxal e sem representação, na direção de produzir novas formas de criação, insistindo em um pensamento sem imagem, tal pensamento não quer dizer que não há imagem, mas agora que se crie imagem de pensamento que o faça ser movente. Um pensamento que faça das imagens formas problemáticas de sentir e de ver o mundo, tal imagem agora deve ser entendida não como planificação identitária. Ora, o paradoxo é o informe, o indeterminado, onde o pensamento é engendrado entre potência e impotência, em que há sempre uma precariedade (DIDI-HUBERMEN, 2017), um resto, sendo o mundo muito mais captura do que clausuras de formas em que a imagem não é preconcebida, mas produzida. Assim, não se sabe de antemão o que significa pensar, a imagem já não está aí... Com isso se engendra novas produções de imagens que fomentem uma pedagogia paradoxal.

Platô II

No campo dessa pedagogia paradoxal - que vem com o sentido de deixar passar, fazer captura, mas do que clausuras em formas representacionais - desenvolvemos uma poética imagética a partir de exercícios: um fragmento de imagem e escrita; resto de imagens de memórias talhadas por fotografias, objetos e escrita; Imagem de um corpo inventado pela técnica da colagem e escrita. Esses exercícios foram configurados em formatos de laboratórios inventivos, como forma de criar espaços de criação de pensamento para além da imagem dogmática. A ideia era fazer com que os professores em formação criassem deslocamentos, entrassem por memórias, por afetos que fossem disparadores de escrita, narrativas e fabulações.

As imagens - mais do que representar, reconhecer ou reforçar ideias - foram criadas como portas poéticas para produzir novos processos de subjetividades que envolvam a crítica, a formação de si, a produção de pensamento, a criação de mundos possíveis na tentativa de fazer a língua variar. O laboratório cruza a imagem, a escrita como traço, como desenho da língua, do verbo, da variação de sentidos. Levantou-se como questão disparadora para esse exercício a seguinte pergunta: O que seria o escrever no espaço da sala de aula? Escrever se torna uma prática pragmática, sem interesse nos espaços de formação.

Escrever é um caso de política (RANCIÈRE, 1995) é um movimento de desmontagem dos órgãos e dos organismos, escrever é libertar a vida das amarras, das clausuras, promovendo uma experimentação com todos os sentidos, gerando um novo corpo, outra forma de entendimento do mundo (DELEUZE, 2011). Não é nada fácil escrever, pois passa por todo um processo de recolhimento, de escuta, de coletas de materiais, de estudo, de observar o mundo, de olhar aquilo que se chama realidade.

Clarice Lispector (1998) nos ajuda a pensar quando questionar as regras, as normas, os enquadramentos, as formatações no ato de escrever. Lispector inspira aquele que lida com a escrita a desafiar o seu próprio corpo. Pois, a escrita passa por um meio que não se domina. Lispector escrevia para ampliar o mundo, escrevia para criar novos olhares sobre a vida, escrever era um caso de vida, mas também de morte. A escrita para Lispector era uma forma de fazer o corpo se relacionar com as coisas, com os objetos, com o pensamento, com os sentidos, produzindo processos, sujeitos, ou melhor, o humano. A escrita, em Lispector, era uma máquina produtiva de fuga. Ora, fugir não é negar o mundo, ao contrário, é uma saúde.

Nessa perspectiva, o ato de escrita é, também, o alimento para o corpo do autor, um corpo vivo afetado por uma necessidade demasiadamente irresistível de sentir o mundo, de habitá-lo por meio da palavra. Escreve-se com o nosso corpo, diz Lispector “Eu não sou um intelectual, escrevo com o corpo. E o que escrevo é uma névoa úmida. As palavras são sons transfundidos de sombras que se entrecruzam desiguais, renda, música transfigurada de órgão” (LISPECTOR, 1998, p. 16)

A escrita como resistência e desmontagem do corpo orgânico, ela é sempre um caso de experimentação, uma força que anima o corpo, desterritorializando-o e territorializando-o “Escrevo porque sou um desesperado e estou cansado, não suporto mais a rotina de me ser e se não fosse a sempre novidade que é escrever, eu morreria simbolicamente todos os dias” (LISPECTOR, 2008, p. 21). Escrever é um exercício de fuga, constante movimento, uma luta diária contra as codificações fixas ou, ao modo de Espinosa, contra as paixões tristes, aquelas que enveredam o corpo para o seu declínio, para a escravidão de um corpo sem vida.

O ato de escrita é um encontro com a vida que passa pela experimentação de si e do/no outro, um movimento de variação contínua, um exercício de torna-se outra coisa. Do mesmo modo, Deleuze (2011), amante da escrita e da literatura, afirma que escrever é um caso de clínica. Escreve-se por que algo atravessa o corpo, porque o mundo nos espanta, alguma coisa incomoda.

Porém, quando se fala de escrita e educação, escrita e imagem, não se pensar em criar escritores, o que vem envolvido nessas conexões é olhar a vida, o trato com o formativo a partir de um olhar sensível. Quando se fala do ato de escrever na vida do professor, no espaço da sala de aula, no primeiro momento, pode-se pensar em algo que já está pré-estabelecido e com toda certeza isso compromete o processo de produção deste indivíduo.

Na educação, a escrita, por muitas vezes, encontra-se vinculada às normatizações e aos processos representacionais. Escreve-se apenas para reproduzir aquilo que o professor informar ou expõe em um quadro branco. A escrita, por essas linhas, é mobilizada por códigos linguísticos universais, alunos e professores produzem uma escrita fria, sem vida, desvinculada dos seus desejos, das suas memórias, de suas vivências, dos seus medos e anseios, uma escrita desvinculada da vida. A educação opera uma verdadeira máquina de subjetivação de corpos tristes, endurecidos, enrijecidos por um pensamento dogmático, incapaz de criar ou inventar uma escrita, um corpo, uma vida. As práticas de escrita passam sempre por uma ordem, um comando, uma lei, uma imposição... Escrever, na educação, passa por linhas

pragmáticas, uma série de comandos, leis e imposição, organizam um corpo-escrita funcional.

Escreve-se, na sala de aula, para formular hipóteses, responder um problema, explicar teorias, pontos de vistas. Neste ensaio, porém, a escrita, afastando-se dessas linhas tristes e duras, entra em uma sala para desorganizar a escrita funcional, instaurando uma espécie de “máquina de guerra”, uma presença que possibilite, ao professor em formação, dialogar com a vida, com as histórias que envolvem seus processos de construção ou mesmo seus processos fabulatórios, contudo não é nada fácil, diante de uma formação educativa instrumental e objetivista. Então, a escrita, assim como a imagem, entrou no espaço laboratorial da sala de aula como máquina de criação, máquina de criar vidas, máquina de criar mundos. Isso demandou de uma política para o pensamento, criando novas formas de olhar o mundo quando agencia a produção de um povo, de uma vida que falta, criando uma gagueira, fazendo a palavra variar, entrar em disjunção. Esses exercícios de escritas mobilizaram visitas aos blocos de memórias de infância, de escolaridade, de relação professor-aluno... Escritas de si, disparada pelos encontros com o corpo, com a mídia, com os discursos, bem como a feitura de ensaios fabulatórios.

Platô III

Este platô⁴⁴ visa abrir espaços de criação na formação inicial de professores. Criar, produzir imagens diversas, usadas como processo de criação, de resistência, de combate e de crítica às imagens dogmáticas tão presentes em sala aula. Assim, não passa pela nossa intenção interpretar/explicar imagens/escritas, mas criar uma zona de intensidade, experimentação. Um bloco de sensações mobilizado pela imagem e pela escrita.

Uma cartografia é aberta no interior de uma sala de aula, em um curso de Licenciatura da Universidade Federal do Pará. Professores em formação arrastam

⁴⁴As imagens que transcorrerão ao longo deste platô são compreendidas como um texto, logo se entende que não cabe forjar a interpretação das mesmas, cada imagem desenha sua própria escrita, sua própria linguagem, possibilitando ao leitor exercitar seus próprios encontros.

cadeiras, espalham-se, sentam-se no chão, fazem roda... Um meio se abre. Olhares inquietos, ouvidos atentos, um silêncio é interrompido, vozes ecoam questionamentos: o que pode o seu corpo? O que pode uma imagem-corpo? Escrita-corpo? Como criar um corpo pela imagem-escrita? Como criar um corpo sem imagem? Os alunos narram suas memórias, suas experiências, suas dores. Exercitam a alteridade. Uma Máquina de Guerra é instaurada. Aqueles corpos agenciam canetinhas, papel, lápis, cartolinas, livros, revistas, tesouras... Produzem materialidades, imagens de si, resistências. Conversam, escrevem, desenham, pintam, retalham, fazem colagens, produzem imagens, sons e escrituras⁴⁵.

I

Figura 1: corpos sentados



Fonte: dos autores

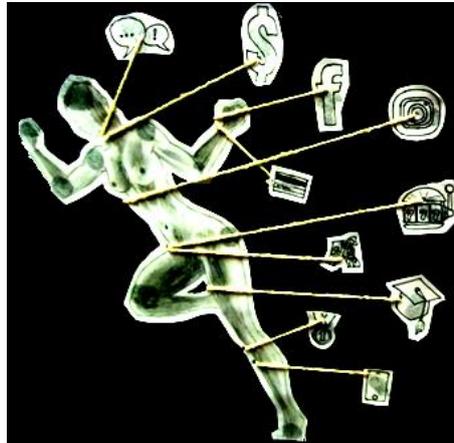
II

- *Mil olhos atravessam meu corpo, esbugalhados, me atravessam, julgam, ordenam, condenam. Já não sei se esse corpo é meu, ou se apenas vivo, passivamente, nele. Em todo canto há um olho pronto para te devorar e dizer, ainda que sem palavras, reproduza, fique calada, fique sentada, seja dócil, seja, seja, seja... Aquilo que te ordeno. (alunx)*

⁴⁵ As imagens que compõem este platô sofreram edições para resguardar a imagem dos participantes.

III

Figura 2: corpo desejante



Fonte: alunx XY

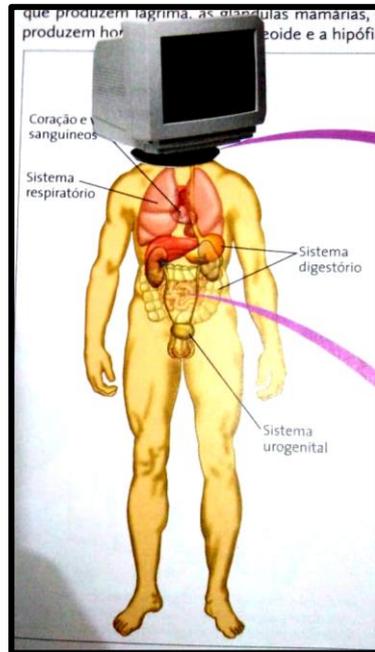
IV

Corpos despedaçados,
Rasgados,
Costurados,
Não tem forma,
Ondulações...
O corpo experimenta,
Tenta,
Foge,
Deseja o corte,
O outro...
O que não tem rosto,
Limites...

(Alunx XX)

V

Figura 3: corpo máquina



Fonte: Alunx XC

VI

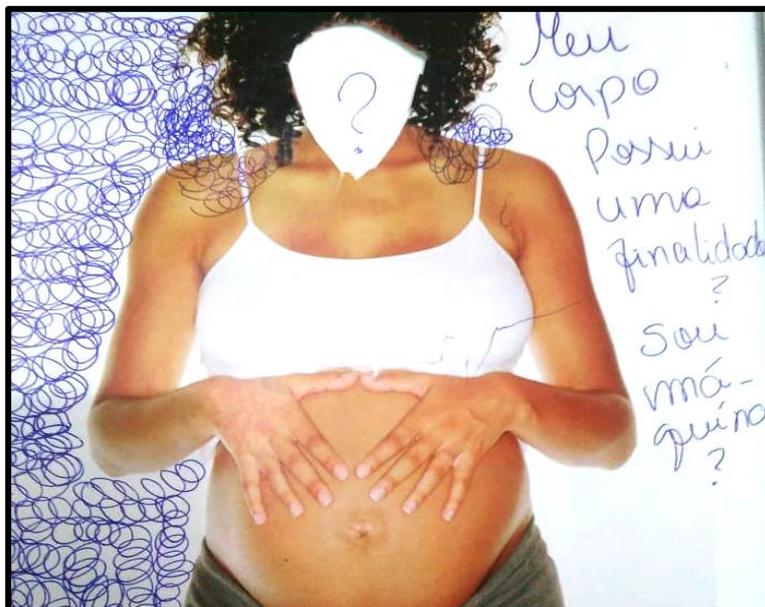
Figura 4: que corpo cabe aqui



Fonte: alunx XD

VII

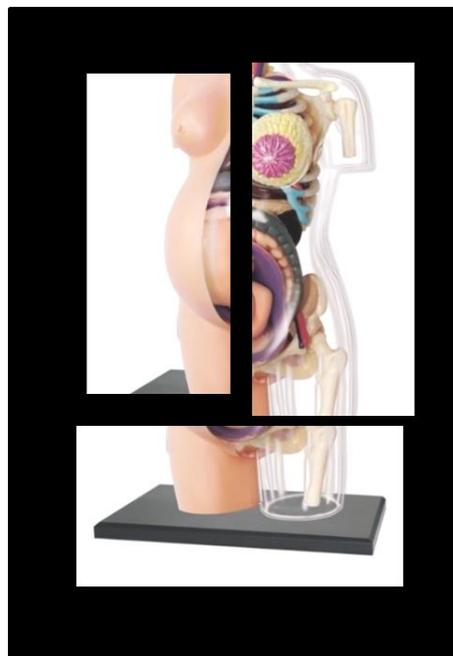
Figura 5: corpo máquina de reprodução



Fonte: alunx: XV

VIII

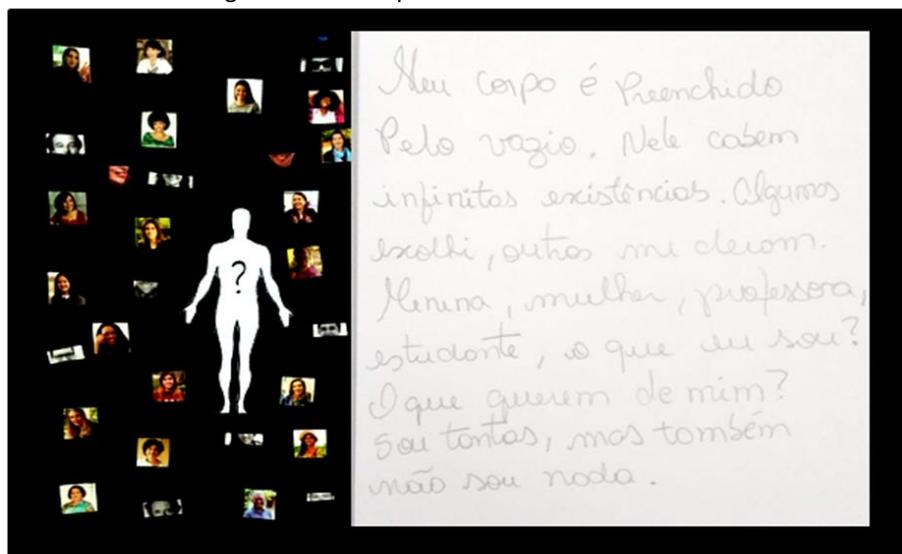
Figura 6: corpo (de)formado



Fonte: alunx XP

IX

Figura 7: meu corpo tem identidade?



Fonte: alunx XP

X

Figura 8: meu corpo tem identidade?



Fonte: alunx XP

Linhas finais

Sabe-se que a educação e a formação de professores, atreladas aos programas formativos oficiais, operam por codificações do desejo, instaurando uma poderosa

máquina de subjetivação que visa à universalidade, à imagem dogmática que paralisa os corpos, impedindo-os de pensar, criticar e criar.

Porém, vivemos em uma era de hibridismos diversos, onde as máquinas produzem outros corpos e outras formas de vidas, aproveitando-se dessas conexões para fazer emergências de territórios vitais, novas sensibilidades e coletivos que vibrem em outros encontros em que os processos de subjetividade e de formação sejam colocados a partir de diferentes meios criativos. Ai, tomaremos diferentes perspectivas estéticas e poéticas atravessando a educação e a formação de professores, isso poderia, para aqueles que gostam de indicações no campo educacional, ser uma abertura para pensar o campo das práticas educativas na formação de professores.

É nessa perspectiva, como uma máquina de produzir fissuras, que a imagem e a escrita atravessaram uma sala de aula, fizeram dela um meio, um campo vital, mobilizando corpos em experimentação. Com isso, pode-se perguntar: o que pode uma imagem? O que pode a escrita? Ou, ainda, o que pode a produção de imagens e escrituras como experimentação em uma sala de aula?

Não sabemos ao certo, não há como prever o que pode um encontro, muito menos o que ressoa dele, é por isso que não falamos em metodologias formativas, mas em exercícios de criação, afinal trata-se de um ato singular, o encontro entre um corpo e a escrita, corpo e imagem, corpo e linguagem, corpo e signos, em que cada um movimentou aquilo que, de alguma forma, o afetou. O que se sabe, portanto, é que desse processo, aberto em uma sala de aula, surgiram materialidades poéticas em trânsito, deslocando imagens e escrituras que colocam em perspectiva uma outra prática de vida contra toda uma política de subjetivação perversa que labuta no adoecimento dos corpos por meio da distribuição de sujeitos em série, da mecanização da vida e da domesticação dos corpos em prol dos interesses do capital.

As poéticas agenciaram outras políticas de subjetividade na medida em que promovem uma resistência aos projetos dogmáticos, desmontando e desfigurando a imagem do corpo orgânico, do rosto, da mulher, do sexo, de criança, da velhice, da beleza, da maternidade, da formação, da memória, de si, do outro.

O exercício abriu um meio na sala de aula dando passagem para os fluxos criativos, arrastando vidas, corpos e pensamento para blocos de ensinar e aprender. Resta-nos somente o convite à criação, que cada professor seja capaz de criar seus próprios processos inventivos, sua própria “máquina de guerra”, pois aqui não há modelos a serem seguidas.

Referências

- DELEUZE, G. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Editora 34, 2011.
- _____. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- _____. **Dobra (a): Leibniz e o Barroco**. Papyrus Editora, 2007.
- _____. **Foucault. São Paulo: Brasiliense**, 2005.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. Vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 2012.
- _____. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 2010.
- _____. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2010.
- DIDI-HUBERMAN, G. **Cascas**. São Paulo: Editora 34, 2017.
- LISPECTOR, C. **A via crucis do corpo**. Rocco, 1998.
- _____. **A hora da estrela**. Rocco, 1998.
- _____. **Descoberta do mundo**. Rocco, 1998.
- RANCIÈRE, J. **Políticas da escrita**. Ed. 34, 1995.

Data de envio: 16/09/2019

Data de aceite: 11/12/2019